

## O RESGATE DA CIDADANIA E A HUMANIZAÇÃO PELA ARTE

*Caroline Francielle Alves 1,*

*Débora Cristina Santos e Silva 2*

1 Aluna do Curso de Letras do CCSEH/UEG. Bolsista PIBIC/CNPq. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Argus.

2 Doutora em Teoria Literária (UNESP /2002) com Estágio Pós-doutoral em Literatura e Hipermedia pela Universidade Fernando Pessoa (UFP-Porto/2010/Bolsista CAPES). Pós-doutoranda em Arte e Cultura Visual (UFG/2016). Docente do PPG-IELT/UEG. Professora do Curso de Letras do CCSEH. Coordenadora do Projeto de Pesquisa ENSINO, EDUCAÇÃO ESTÉTICA E PROCESSOS DE LETRAMENTO NA CIBERCULTURA.

Líder do Grupo ARGUS/CNPq. Bolsista BIP/UEG.

**Resumo:** O objetivo desse artigo é apresentar as reflexões e discussões sobre a importância da arte e da escrita autobiográfica na (re)construção do sujeito. Para alcançar esse objetivo foram realizadas oficinas, no centro de Triagem da missão vida, de produção de arte e escrita criativa, em que foram utilizados vários materiais para a livre criação e expressão dos internos, foi utilizado, também, a “narrativa autobiográfica”, quando se tratou do filme “Escritores da Liberdade” e das discussões referentes a ele, priorizando o trabalho de elaboração dos Diários pessoais dos internos. O embasamento do nosso estudo se dá na concepção narrativas autobiográficas de Bosi (1994) e Castro (2014), e estudo de temas transversais na concepção de Napolitano (2009). A relevância desse estudo está, em entender como essas produções despertaram, nos sujeitos investigados, a reflexão de si e de sua história de vida, para que assim, pudessem (re)construir o futuro.

**Palavras- chave:** (Re)construção do sujeito. Arte. Narrativa autobiográfica.

### Introdução

Esse trabalho apresenta reflexões e discussões sobre a importância da arte e da narrativa autobiográfica na (re)construção do sujeito. Para isso, foram realizadas cinco oficinas, no Centro de Triagem da Missão Vida, em Anápolis-GO. O centro de triagem é a primeira etapa no processo de reabilitação dos ex-moradores de rua e dependentes químicos da cidade e entorno, abrangendo também outras cidades e Estados da região. As oficinas tiveram como propósito influenciar a produção artística e a escrita autobiográfica, para que, nessas produções, os internos fossem capazes de relatar a história de sua trajetória de vida. Como ressalta Bosi, (1994) “é pela memória que o homem se humaniza”.

Efetivamente, as produções artísticas e “narrativas autobiográficas são uma fonte de dados valiosa para o estudo da mente” (CORREIA, 2003, p. 509 apud CASTRO, 2014, p. 109). Defende ainda esse autor que “a narrativa (re)constrói quem narra, tornando-o autor da

própria vida, que se entende no mundo e não simplesmente um autor submisso as intempéries da vida. (CASTRO, 2014, p.192). A relevância desse estudo está, portanto, em entender como essas produções despertaram, nos sujeitos investigados, a reflexão de si e de sua história de vida, para que assim, pudessem (re)criar o futuro.

Diante desse contexto, estabelecemos em nossa pesquisa os seguintes objetivos específicos:

- Despertar o interesse pela arte cinematográfica e estimular a criação artística.
- Discutir sobre conflitos de natureza social e identidade na obra filmica “Escritores da liberdade”.
- Promover o desenvolvimento do senso crítico e estético.
- Utilizar o cinema como veículo para a conscientização da cidadania, fomentando o debate de ideias e opiniões.

Desta forma, realizamos um trabalho de leitura, fruição de cinema e artes plásticas, além de desenvolver atividades de escrita criativa com os internos, numa série de oficinas realizadas semanalmente.

Pretendemos assim, neste breve artigo, apresentar as ações e reflexões dessa tão rica experiência para nós, pesquisadores do grupo.

## **Referencial Teórico**

A arte e a narrativa autobiográfica proporcionam aos sujeitos uma nova forma de ver o mundo, de agir, viver, pensar e de refletir sobre si mesmo. Pela arte é possível dialogar com os valores sociais, no cotidiano, conduzindo os indivíduos à tomada de consciência de seu papel ativo na sociedade, caminhando assim, para a humanização do indivíduo. Concordamos com Costa (1999, p. 11):

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores de meio, que se exprimem na obra de em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção de mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais.

Assim, por meio da arte e da narrativa, os indivíduos podem se tornar protagonistas da sociedade em que estão inseridos. Ambas ajudam o indivíduo a reforçar sua identidade, aumentar sua autoestima, superar preconceitos e transformar seu futuro. A narrativa e a arte

desenvolvem a criatividade e a reflexão do indivíduo, de maneira que o mesmo pode mudar a realidade ao qual está inserido.

Para estimular a escrita autobiográfica, a produção artística e fomentar as discussões foi usado o filme, pois ele é um rico material didático que estimula debates e fornece reflexões aos espectadores. O filme pode ser um “texto” gerador de debates de Temas Transversais como cidadania, meio ambiente, identidade, diversidade cultural, violência e etc. Esses temas impulsionam a reflexão das atitudes tomadas pelo sujeito, pois são veículos de valores, conceitos e atitudes. Neste sentido, o cinema é um ótimo recurso para discutir os Temas Transversais (NAPOLITANO, 2009, p. 20).

## **Metodologia**

Na primeira etapa do projeto, foi feito o levantamento bibliográfico, com base em materiais convencionais, como livros, artigos, anais de eventos, revistas da área, entre outras fontes e suportes, no intuito de verificar a base teórica da temática abordada. Semanalmente foram realizados encontros com o grupo de pesquisa ARGUS, conjuntamente com coordenadora do projeto, Dr. Débora Cristina, discutindo-se, fichando-se e resenhando as leituras.

Após esse estudo, fizemos uma pesquisa de campo organizada em forma de oficinas e dividida em cinco encontros, realizados entre os dias 22 junho e 13 de julho de 2016. As oficinas aconteceram no Centro de Triagem da Missão Vida. Uma das dificuldades encontradas na execução das oficinas foram os sujeitos da investigação, pois semanalmente entravam novos internos e saíam outros. As oficinas tiveram que ser de forma isolada, independentes umas das outras. O universo de estudo abrangeu em média um grupo 30 pessoas, com idades entre 18 e 60 anos.

Para análise dos dados, optou-se por uma pesquisa qualitativa, pois nosso foco é amplo, e parte da obtenção de dados descritivos pelo contato direto e interativo com os indivíduos que participam de nossa pesquisa de campo. A metodologia utilizada foi, inicialmente a “narrativa autobiográfica”, quando se tratou do filme e das questões referentes a ele, priorizando o trabalho de elaboração dos Diários pessoais dos internos. Depois foram realizadas oficinas de produção de arte e escrita criativa, em que foram utilizados vários materiais para a livre criação e expressão dos internos.

## **Resultados e Discussões**

Para que alunos internos conseguissem refletir sobre si mesmos, por meio da arte e da narrativa autobiográfica, foram realizadas cinco oficinas: Cineclube, Autorretrato, Construção de si, Escrita criativa e Sarau literário. Essas oficinas serão brevemente descritas a seguir com as reflexões pertinentes a cada uma delas.

### **a) CineClube**

A primeira oficina na Missão Vida teve como objetivo discutir temas transversais, como conflitos de identidade e de questões sociais e raciais. Para fomentar essa discussão, levamos o filme “Escritores da Liberdade” (Freedom Writers, EUA, 2007), dirigido por Richard La Gravenese. A história do filme se passa em uma escola de Ensino Fundamental, cujos alunos são, em sua maioria, da classe média, mas que passa a receber alunos pobres (a maior parte negros), vindos da marginalidade e divididos em gangues. Procurando ressaltar as particularidades de cada indivíduo, a professora, Srta Gruwell, procura desmembrar essas gangues. Para isso, a professora entrega para os alunos um caderno que seria uma espécie de Diário pessoal, no qual os alunos deveriam escrever sobre suas histórias do passado, presente e planos para o futuro.

Essa oficina teve duração de duas horas e meia. Os internos ficaram totalmente concentrados na apresentação da obra fílmica e se demonstraram apreensivos com os acontecimentos ao longo da narrativa. Na exibição (preparada para reproduzir a sala de cinema, com pipoca e guaraná), podíamos ouvir ruídos como: “nossa”, “vixe” “não”, “hum”, “Será que ela vai conseguir?” e vários outros sussurros, que se espalhavam pela sala. Alguns deles, entretanto, nunca estiveram em uma sala cinema, como relataram mais tarde.

Quando o filme terminou, fizemos uma pequena discussão sobre os temas abordados. De início, nenhum dos internos quis comentar nada. Então, para dar impulso à discussão, começamos falando sobre algo que nos causava emoção na obra, etc. Mesmo assim, muitos ainda continuaram tímidos e apenas dois quiseram comentar.

Primeiro comentário: “Achei interessante que eles se uniram, a professora mostrou que eles tinham muitas coisas em comum. Todos devem se ajudar, o pessoal de Goiás deve ajudar o povo do Nordeste”.

Segundo comentário: “ A professora perdeu o marido, ela pagou um preço por fazer o

bem”.

Pelos comentários, podemos perceber o quanto eles se sentiam sozinhos, sem apoio, e desmotivados a ajudar o próximo. Com efeito, os internos se mostravam com a autoestima baixa e sem perspectiva para o futuro.

O último passo da oficina foi a entrega dos Diários. A exemplo do filme “Escritores da liberdade”, foi entregue para cada aluno um caderno, para que registrassem diariamente suas memórias e reflexões sobre aspectos de suas próprias vidas, desde conflitos internos até problemas familiares e sociais. O caderno era uma espécie de Diário pessoal, escrito livremente e compartilhado se assim quisessem.

Muitas perguntas surgiram quando encerramos a oficina, tais como: “Nossas histórias vão se tornar um livro, como no filme?”; “Posso escrever qualquer coisa mesmo?” ; “Alguém realmente vai ler? Com essas perguntas, concluímos que eles se sentem descartados da sociedade, acreditando que suas histórias de vida, como suas próprias vidas, não têm mais importância.

Com efeito, “a escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de autoescuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências, as aprendizagens, que contribuiu ao longo da vida, estimulando o conhecimento de si” (SOUZA, 2004, p.12). Desta forma, o objetivo do Diário era que os internos conseguissem (re)fazer, (re)construir, (re)pensar o futuro, ressignificando as experiências do passado. Os internos entregaram os diários na penúltima oficina.

Como já citado anteriormente, um dos problemas enfrentados foi a entrada e a saída dos internos, o que nos permitiu recolher poucos diários ao final das oficinas. Alguns internos estavam escrevendo, mas não quiseram compartilhar seus escritos. Na última oficina, foram devolvidos os diários, para que os internos continuassem escrevendo. Por questão de limitação espacial, apenas dois diários serão citados nesse artigo.

**Diário 1-** “Histórias de uma vida”, assim foi nomeado pelo escritor. Nesse diário é relatado planos para o futuro, o desejo de uma vida nova, são citadas regras para essa “nova vida”. O interno relata, também, que não se sente mais à vontade em ser o que era no passado, pois perdeu muitas coisas, e refletindo sobre isso chega à conclusão que seu maior desejo é um futuro próspero.

**Diário 2** - O título dado ao texto é “A mente e o sentimento de um dependente

químico”. O interno inicia mostrando o preconceito sofrido, na sociedade. Em seu relato, ele menciona como as pessoas veem um dependente químico, sempre como alguém fraco, incapaz, preguiçoso, sem responsabilidade. Enfim, alguém que não leva a sério a vida. Ele relata o quanto se sente marginalizado e sozinho. Ao fazer uma reflexão sobre o passado, ele faz um gráfico mostrando os impactos dos acontecimentos em sua vida. E as drogas estão em penúltimo lugar. Ele relata que as drogas eram a “fuga dos problemas”.

Outro fato mencionado no diário é a desestrutura familiar e os traumas de infância. O interno tenta entender como ele foi para “o mundo das drogas”. Então, ele faz uma reflexão sobre toda sua trajetória de vida. Assim, “as narrativas são um meio profícuo para compreender a multiplicidade de sentidos atribuídos pelo/as narradores às situações vivenciadas permitindo chegar ao entendimento do texto e contexto mais amplo, diferenciados e mais complexos da experiência” (CASTRO, 2014, p. 99) vivida pelo sujeito. Por fim, o interno conclui que a reflexão do passado, o fará agir diferente no presente e consequentemente conquistará um novo futuro.

Em todos os diários recolhidos, os internos, ressaltaram o desejo de construir uma “nova vida”. Assim, podemos concluir que, as narrativas afloraram, nos sujeitos investigados, valores, compreensão de mundo, percepção da experiência, atitudes, recordações, desejos de (re)construir o futuro. Sendo assim, o indivíduo usa a lembrança do passado para se projetar na construção de si.

### **Autorretrato**

Começamos essa oficina com uma dinâmica: levamos um caixa com algumas frases do livro “O Diário de Anne Frank”. Este livro foi escrito durante a segunda guerra mundial, por uma adolescente que se escondia das forças nazistas. Pouco antes de ir para o esconderijo, Anne Frank ganha de presente de seu pai um diário. Ela começa a escrever sobre os acontecimentos, no esconderijo, e sobre si mesma. A menina relata, também, as dificuldades que sente ao escrever. Na discussão dos trechos do diário de Anne Frank, os internos relataram que sentiam o mesmo que ela, quanto ao ato de escrita do Diário deles: “Tenho muita dificuldade de escrever”; “Me encontro quando escrevo”; “O papel tem paciência, ele não reclama e nem faz crítica; “Eu me sinto sozinho como ela”; “Nós também estamos “presos” aqui, como ela estava”. Foram esses os comentários que eles fizeram.

Logo em seguida, usando o slide, foi apresentada para os alunos a história da pintora mexicana Frida Kahlo, que teve uma vida de superações e sofrimentos. Ela transpôs para seus

autorretratos o que sentia. Foi passado, também, um vídeo que mostrava vários artistas que pintaram autorretratos, tais como Salvador Dali, Tarsila do Amaral, Anita Malfati, Diego Rivera, João Câmara, entre outros. O objetivo do vídeo foi mostrar para os internos que o autorretrato não se baseava na cópia fiel de suas imagens, e que o mais importante era traspor seus sentimentos. Entregamos, também, para leitura e discussão, dois poemas que eram autorretratos: “Autoretrato falado”, de Manuel de Barros, e “Auto-retrato”, de Manuel Bandeira. Na mesma folha, havia também reproduções de pinturas de autorretratos de Picasso, Van Gogh e Frida Kahlo.

Considerando que, segundo Rauen e Momoli (2015, p. 56 ), “o autorretrato é uma representação da individualidade do próprio autor, e, portanto, pressupõe-se que funcione como uma reflexão sobre o universo particular do mesmo” , e com a finalidade de fazer com que o internos tivessem um olhar sobre si e sobre seu universo particular, pedimos que construíssem seus autorretratos.

A proposta da atividade era que eles imaginassem o que estavam sentindo naquele momento e transpusessem isso para a folha em branco. Inicialmente, os alunos internos relataram a dificuldade em desenhar a si mesmo, por isso, alguns preferiram escrever textos ou poemas. O objetivo dessa oficina foi alcançado, pois todos refletiram, por meio do desenho ou texto, sobre si e seu universo particular, construindo assim um sentimento de identidade.

### **b) Construção de Si**

Na terceira oficina, começamos com “A dinâmica da caixa de bombons”. Essa dinâmica tinha como objetivo ressaltar a qualidade dos membros do grupo. Colocamos uma música e fomos passando a caixa de mão em mão, quando a caixa parou, a pessoa que ficou com a caixa deveria escolher, a pessoa mais organizada do grupo e depois a mais feliz e assim por diante. No final a pessoa escolhida como justa deveria repartir o presente com todos. O objetivo da dinâmica era aumentar a autoestima dos internos e melhorar o convívio entre os membros do grupo.

O segundo passo dessa oficina foi a apresentação de Piet Mondrian, um importante pintor modernista holandês que produziu obras abstratas geométricas, comparamos a junção das formas geométricas, para a composição do quadro, com a vida dos internos. Da mesma forma que Mondrian juntava as formas geométricas para compor suas obras, fazíamos com nossas vidas, com a junção de experiências formávamos quem somos, compúnhamos nossa

identidade. Ao passar as obras de Modrian, algum ressaltaram, que uma de suas obras estava vazia e era assim que eles se sentiam as vezes “vazios”.

O objetivo dessa oficina foi proporcionar aos alunos internos um momento de lazer e de reflexão de si, para isso, levamos cola e figuras geométricas para produção das obras de arte, todos participaram de forma significativa, eles se levantavam para ver a produção dos demais colegas do grupo e comentavam sobre essas produções.

### **c) Escrita Criativa**

Na oficina de autorretrato, um dos alunos internos havia dito que o autorretrato dele era uma folha em branco, ele descreveu que se sentia um “nada” como a folha. Pensando na fala desse interno, começamos a oficina entregando uma folha em branco, nessa folha eles deveriam (re)construir suas histórias. Durante a semana esses alunos traçariam metas e estratégias para o futuro.

Nessa oficina trabalhamos com os internos a arte de rua, para isso, levamos imagens de grafites da cidade de Anápolis. Como as ruas foram à casa de alguns dos internos por algum tempo, o grafite era a produção artísticas que eles mais tinham contato e consequentemente isso impulsionou as produções e discussões.

A atividade proposta nessa oficina foi “Escrita Criativa”, os internos escolheram uma história de seus diários para produzir um grafite. Na maioria das produções artísticas, os internos usaram o grafite para se projetar no futuro, isso é perceptível pelas constantes imagens de casas e de família. Mostrando que as inquietações no presente caminharam em direção ao desejo de alcançar um novo futuro.

### **d) Sarau Literário**

Na última oficina, fizemos um sarau literário, expomos os trabalhos produzidos nas oficinas anteriores. As exposições dos trabalhos fizeram os internos se sentirem valorizados. Os alunos internos participaram de forma incrível, cantaram, recitaram e leram textos. Ao olharem as produções, riam, comentavam e faziam inúmeras interpretações.

## **Considerações Finais**

Com execução das oficinas, conseguimos aumentar a autoestima dos alunos internos e despertar o interesse pela arte, escrita e leitura. Na última semana, foi doado para a instituição

livros literários, para incentivar a leitura. Ainda nesse mesmo dia fomos convidados a assistir um teatro que aconteceria na próxima semana, o que teria impulsionado esse teatro foram as oficinas.

Esse projeto, também, proporcionou aos alunos internos um momento de revisão e reflexão dos fatos passados. Como afirma Bosi (1994, p.55), lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideais de hoje, as experiências do passado. Assim, ao recordar o vivido, o indivíduo, aflora a consciência na forma de lembranças. (BOSI, 1994, p53).

Nas discussões e produções dos internos é possível identificar o desejo em (re)construir uma nova vida. Podemos concluir que, essas reflexões dos fatos passados caminharam em direção a reflexão de um novo futuro. Como afirma Castro (2014, p.92) ao “narrar a história, o narrador sente-se como ser no mundo e para compreender-se como ser [...], observa a lembrança do passado e projeta-se na constante construção de si”.

## Referências

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae. As mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- BARBOSA, A. M.; SALES, H. M. *O ensino da arte e sua história*. São Paulo: MAC, 1990.
- CASTRO, Raimundo Márcio. *Ensino religioso na escola pública: histórias e memórias*. São Paulo: Editorial, 2014.
- COSTA, Cristina. *Questões de Arte*. São Paulo: Moderna, 1999.
- NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SOUZA, Elizeu Clementino. *O conhecimento de si – Narrativas do itinerário escolar e formação de professores*. 2004. 344f Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, BA, 2004
- SOUZA, Elizeu Clementino. *O conhecimento de si- Narrativas do itinerário escolar e formação de professores*. 2004. 344f. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, BA, 2004.
- PINSKY, J. *Cidadania e Educação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- RAUEN, Roselene Maria, e MOMOLI. *Imagens de si: o autorretrato como prática de construção da identidade*. Revista educação, artes e inclusão 11.1 (2015): 51-73.